

A resistência da cerâmica à China e a globalização de moldes

A cerâmica teve de lutar contra o dumping chinês e aproveitou para subir na cadeia de valor, os moldes são um negócio por natureza globetrotter. Pelo meio as peles procuram roupagens ecológicas.

A CS Telhas de Porto de Mós tem hoje uma capacidade produtiva anual de 57 milhões de telhas, é líder de mercado em Portugal e está presente em mais de 30 países. É um exemplo do lastro histórico da indústria cerâmica na Região de Leiria e do Oeste.

Foi em 1927 que José Coelho da Silva começou o fabrico artesanal da telha de canudo. O salto da indústria mecânica para a indústria de ponta deu-se com a terceira geração, em 1982, altura em que construíram a segunda unidade, com tecnologia de cozedura contínua, que aumentou a capacidade de produção de dois milhões para dez milhões de telhas por ano.

"Faturávamos 35.000 contos por ano e investimos 220 mil contos. Tivemos de nos endividar fortemente", recorda José Coelho da Silva, o neto que ainda hoje lidera a empresa. "Os bancos estiveram connosco desde sempre. Tínhamos um bom nome no mercado."

Dez anos depois, foi criada a terceira fábrica. "Foi uma revolução completa. Não havia ninguém com esta tecnologia de cozedura, que trouxe uma melhoria da qualidade do produto", garante José Coelho da Silva. Em 2002, investiram 20 milhões na quarta unidade, que potenciou a capacidade de produção em mais de 90%. Três anos depois, viraram-se para o mercado externo. O atual desenho das unidades fabris é finalizado em 2012, com a Fábrica 5, dotada da mais recente tecnologia e destinada ao fabrico de produtos da gama premium. "Esta indústria é de capital intensivo. O investimento tem de ser permanente. Ao nível da capacidade produtiva e do tipo de tecnologia, lideramos no sul da Europa".

Mas esta empresa não foi afetada como foram as outras indústrias cerâmicas como os pavimentos, cerâmica decorativa e utilitária. Essas experimentaram uma crise violenta com a entrada da China no mercado mundial, em 2002, na sequência do acordo com a Organização de Mundial de Comércio: na altura, a cerâmica quase foi dizimada em Portugal e na Europa.

Em fevereiro de 2012, a **APICER** (Associação Portuguesa da Indústria de Cerâmica) instaurou dois processos antidumping junto da Comissão Europeia contra as importações da China de pavimentos e revestimentos cerâmicos e de artigos para serviço de mesa ou de cozinha, de cerâmica. Como refere Marcelo Sousa, foi um processo que exigiu organização porque, para que fosse viável era necessário mostrar que havia uma relação de causa - o antidumping -, e efeito - os prejuízos das empresas portuguesas e europeias.

As questões não se resumiam ao dumping da China, ao colocar à venda na Europa produtos cerâmicos muito abaixo do seu custo de produção, mas ao incumprimento em relação ao teor de chumbo e das regras sociais e ambientais. Depois de nove meses de investigação, a Comissão Europeia considerou que a queixa tinha argumentos e factos sólidos para ser apreciada. Em fins de 2012, entraram em vigor as taxas de importação entre 15,9% e 59,3% impostas pelo Comité Antidumping da União Europeia para as cerâmicas chinesas que entrassem na União Europeia impostas pelo Comité Anti-Dumping da União Europeia.

Marcelo Sousa era vice-presidente da APCER e foi um dos artífices desta ação, até porque sentia na pele - e na da empresa que gere, a Matcerâmica -, os efeitos desta concorrência exacerbada e fora das regras. Como recorda, foi uma ação que teve os seus riscos porque também ia contra os interesses de alguns dos principais clientes da cerâmica portuguesa. No entanto, era fundamental ganhar tempo para mudar.

(continuação) url: <https://eco.pt/2017/09/13/a-resistencia-da-ceramica-a-china-e-a-globalizacao-dos-moldes/>